

Especial Regresso às aulas

Alunos ganham autonomia com flexibilidade curricular

Projecto Docentes acreditam que projecto de autonomia e flexibilidade curricular contribui para a autonomia e responsabilização do aluno, tornando-os mais motivados

Elisabete Cruz
elisabete.cruz@jornaldeleiria.pt

O diploma aprovado em Abril alargou este ano lectivo o projecto de autonomia e flexibilidade curricular (PAFC) a todas as escolas, embora com carácter facultativo. Até agora, o modelo tinha sido aplicado em regime de projecto-piloto em 225 estabelecimentos de ensino, entre os quais os Agrupamentos de Escolas (AE) de Colmeias, D. Dinis e Colégio D. Dinis, em Leiria, os AE da Batalha e da Marinha Grande Nascente, Colégio João de Barros, em Pombal, e Instituto Educativo do Juncal, em Porto de Mós.

O modelo de autonomia, que terá de começar a ser aplicado nos anos iniciais de cada ciclo de escolaridade (1.º, 5.º, 7.º e 10.º anos), permite que as escolas passem a gerir 25% da carga horária semanal dos seus alunos, podendo fundir disciplinas cuja matéria se repete – como História e Geografia –, levando a que dois ou mais professores possam trabalhar em conjunto na preparação das aulas.

Passou a ser possível criar novas disciplinas (oferta lectiva complementar) e funcionar com períodos de multidisciplina, desenvolvendo trabalho prático ou experimental com recurso a desdobramento de turmas e até organizar o funcionamento das disciplinas de um modo trimestral ou semestral.

Nos cursos científico-humanístico do secundário passou a ser permitido permutar uma das disciplinas bianuais e/ou uma das anuais da formação específica por disciplinas de um curso diferente do frequentado pelo aluno. Foram introduzidas as áreas de Complemento à Educação Artística, Cidadania e Desenvolvimento e Tecnologias de Informação e Comunicação.

Nas escolas onde o PAFC está já a ser aplicado o balanço é positivo e os directores já não querem voltar atrás, mesmo admitindo que as dificuldades são muitas. O AE das Colmeias foi um dos projecto-piloto que aderiu a este modelo, que será debatido no Teatro José Lúcio da Silva, no próximo dia 11 de Setembro, no IX Fórum Educação, organizado pela Câmara de Leiria, com o apoio do JORNAL DE LEIRIA.

O director Fernando Elias salienta que “um bom ambiente escolar e de sala de aula é fundamental para a aprendizagem” e o PAFC “permitiu articular temas dos interesses dos alunos mobilizando disciplinas, saberes e aprendizagens essenciais para desenvolver vários projectos propostos pelos próprios alunos”.

Por exemplo, nos 2.º e 3.º ciclos, “disciplinas como Cidadania e Desenvolvimento, Formação Integral do Aluno e também a preparação e concretização dos Domínios de Autonomia Curricular permitiram que os



O número

8

foi o número de agrupamentos de escolas e colégios com contrato de associação no distrito de Leiria, que aplicaram o projecto de autonomia e flexibilidade curricular em regime de projecto-piloto: Agrupamentos de Escolas de Colmeias, D. Dinis, Batalha e Marinha Grande Nascente, e os Colégios João de Barros e D. Dinis e o Instituto Educativo do Juncal

alunos, com alguma orientação, pesquisar, elaborassem trabalhos de forma individual, em pares ou grupo e que os apresentassem aos colegas”. Fernando Elias constata que foi “notório um aumento de confiança, de segurança e de espírito crítico”.

“O PAFC permitiu o aprofundamento, a consolidação e a avaliação do currículo claro e focado, o desenvolvimento das áreas de competências definidas no Perfil do Aluno, a promoção de dinâmicas pedagógicas, que valorizam e integram num todo

os projectos de desenvolvimento educativo existentes, ou a criar, centradas no aluno e nas aprendizagens significativas e a transversalidade e integração de saberes e de valores, propiciando o diálogo entre a comunidade e a escola”, explica Fernando Elias, destacando o “exercício efectivo de uma cidadania activa, centrada em contextos sociais relevantes”.

O director considera que este modelo permite assumir as aprendizagens essenciais “não como aprendizagens mínimas, mas antes como estruturantes do currículo a desenvolver e a aprender”. Desta forma, há uma “tentativa de combater as dificuldades sentidas por todos os actores educativos no que diz respeito à extensão dos programas e à complexidade das metas curriculares”.

Para Fernando Elias, o PAFC valoriza a “avaliação como um instrumento ao serviço de melhores aprendizagens, por oposição à avaliação sumativa centrada nos conhecimentos”. A avaliação deixa de parte apenas a memorização, destacando a “capacidade de análise, produção de conhecimento, resolução colaborativa de problemas”.

Com o modelo de flexibilização é possível “construir um perfil de aluno humanista, mobilizando valores e competências que lhes permitam intervir na vida nas sociedades, tomar decisões livres e fundamentadas sobre questões naturais, sociais e éticas,

e dispor de uma capacidade de participação cívica, activa, consciente e responsável”.

Também Cesário Silva, director do Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente, um dos seis estabelecimentos de ensino escolhidos para integrar o Projecto-Piloto de Inovação Pedagógica (PIP), evidencia o papel da flexibilidade e autonomia dada às escolas na motivação dos estudantes. “É uma forma de autonomizar os alunos, mas também de responsabilizá-los. É importante deixá-los decidir, orientando-os, e se houver um impasse ou erro, temos de questioná-los. O objectivo é que reflitam e encontrem soluções para o problema. Há uma aprendizagem pelo erro e uma valorização, porque o importante é ultrapassar o obstáculo”, explica Cesário Silva.

Aluno no centro do processo de ensino

Fernando Elias realça ainda o papel do aluno que surge no “centro do processo de ensino e aprendizagem”, assumindo “um papel activo na concretização das aprendizagens e uma maior consciencialização da sua intervenção neste processo”. Por seu lado, os professores funcionam em “equipa pedagógica, planificam em conjunto e regularmente a organização dos conteúdos e das metodologias, investindo na flexibilização dos espaços, da constituição dos grupos

alunos e comunidade.” A organização curricular prevista “não secundariza áreas do saber”. “Todas as áreas são valorizadas, sendo de destacar o reforço das artes, a introdução da área de cidadania, associada às ciências sociais e o reforço de TIC”, diz o director.

Cesário Silva e Fernando Elias lamentam que os currículos tenham “vindo a engordar” e defendem que se tenha em conta o Perfil do Aluno e as aprendizagens essenciais. “Trabalhar algumas disciplinas de forma integrada pode levar-nos a ganhar tempo, potenciando os alunos”, destaca o director do AE Marinha Grande Poente, que este ano vai introduzir a flexibilidade no 10.º ano. “Temos de perceber como operacionalizar os programas de natureza transversal e é isso que estamos a desenhar no currículo no secundário, que deve ir ao encontro das expectativas dos alunos.” Cesário Silva acrescenta que um dos objectivos é potenciar processos que permitam “estabelecer pontes com a comunidade”, incentivando, por exemplo, o voluntariado. Para este director, “há que dotar os alunos de competências transversais dando-lhes ferramentas necessárias”.

Autonomia no 1.º ciclo

Deolinda Bento é professora do 1.º ciclo no Agrupamento de Escolas de Marrazes e concorda com a flexibilidade curricular, admitindo que neste ciclo a transdisciplinaridade já obriga os docentes a alguma flexibilidade curricular. No entanto, considera que os programas são extensos, o que dificulta o processo. “Se não conseguirmos dar a matéria toda temos sempre de justificar a razão.” Aplaudindo a introdução de novos projectos no 1.º ciclo, como a robótica, Deolinda Bento alerta contudo para o facto de ir “roubar” tempo ao conteúdo programático. “Mas há matéria que podemos cruzar com as disciplinas, como por exemplo a noção de espaço incluída no Estudo do Meio.”

Esta docente considera ainda que os “próprios manuais não estão adequados a esta flexibilidade”, defendendo os livros digitais. “Depois é preciso consolidar as aprendizagens essenciais, o desenvolvimento pessoal e a autonomia, e não temos tempo para tudo. Mesmo a nível cognitivo os programas estão desajustados da idade e de desenvolvimento das crianças”, assume.

Deolinda Bento é, no entanto, apologeta da flexibilidade curricular e autonomia, mas apela para que sejam dados recursos materiais aos professores para gerir o tempo e as disciplinas de acordo com as aprendizagens dos alunos. “Se uma criança já sabe dividir, porque vou continuar a insistir nesta matéria com ele só porque está no programa?, exemplifica.”

Também Fernando Elias defende mais recursos para as escolas, nomeadamente a renovação do parque informático e da rede de internet, assim como “reapetrechar as escolas com equipamentos que permitam criar soluções eficazes de reorganização de espaços escolares, como as denominadas salas do futuro”.

REAGENCIAMENTO

Trabalhar em grupo, criar novas disciplinas e envolver os alunos em todo o processo de aprendizagem são algumas das características do projecto de autonomia e flexibilidade curricular, que este ano chega a todas as escolas, embora de forma facultativa

de alunos e dos tempos de trabalho com os alunos, que articulam em função dos conteúdos e das metodologias previstas”.

Os métodos utilizados “visam potenciar a curiosidade, a criatividade, a autonomia e o gosto por aprender, por meio do desenvolvimento de trabalho autónomo, de desafios para resolução de problemas e de trabalho por projecto”. Há uma combinação “de trabalho individual e de trabalho cooperativo”, assegurando “a articulação com as inteligências múltiplas” e a “integração dos recursos tecnológicos como ferramentas de trabalho”.

A autonomia e flexibilidade curricular “ajudam a repensar epistemologicamente a escola. A nossa experiência no projecto-piloto deu-nos claramente esta certeza”, garante o director das Colmeias. “Porquê? Porque considera a diversidade dos alunos, o contexto local, almeja ao sucesso para todos, revoga as metas (de quem todos se queixavam) e apresenta um referente comum: as aprendizagens essenciais”, acrescenta, lembrando que esta era uma das críticas de professores, pais e alunos face à extensão dos programas e à complexidade das metas.

Fernando Elias avança que o “projecto de autonomia e flexibilidade curricular não impõe nem proíbe nada. No exercício da sua autonomia cada um toma as suas opções, de acordo com o contexto e com os seus